



INVENTÁRIO DE ESPÉCIES FRUTÍFERAS COMESTÍVEIS NATIVAS DE ÁREAS FLORESTAIS DAS CERCANIAS DE FEIJÓ, ACRE

EVANDRO JOSÉ LINHARES FERREIRA; JOSÉ ANTONIO SCARCELLO; ÍTALO FELIPE NOGUEIRA RIBEIRO; ROMÁRIO DE MESQUITA PINHEIRO; QUÉTILA SOUZA BARROS

RESUMO

A floresta amazônica possui uma ampla diversidade de espécies arbóreas e palmeiras, sendo muitas destas comestíveis, contudo o número de espécies frutíferas nativas difundidas na culinária nacional, e até mesmo regional, ainda é limitado. Salienta-se que identificar e estudar as espécies frutíferas ocorrentes na região é fundamental para promover a soberania alimentar. Sendo assim, esse trabalho teve por objetivo verificar a ocorrência e a diversidade de espécies de frutíferas nativas em áreas florestais do entorno da cidade de Feijó, Acre. O estudo foi realizado em cinco propriedades rurais situadas nas proximidades do município de Feijó. Inicialmente foi feita uma visita em mercados e feiras da cidade com o intuito de conhecer as espécies frutíferas comercializadas, posteriormente, foi aplicado um questionário semiestruturado nas propriedades rurais e, com o auxílio de um parataxonomista, foi feito o inventário das espécies frutíferas existentes nas propriedades. Para a realização do inventário, em cada propriedade percorreu-se trilhas de 6 km de extensão, e foram catalogadas espécies que estavam a até 10 m de distância do eixo central da trilha. Foram identificadas 59 espécies frutíferas nativas pertencentes a 38 gêneros e 19 famílias botânicas, sendo que, as famílias mais diversificadas foram *Arecaceae*, com 12 espécies, *Malvaceae*, com 5 espécies, *Apocynaceae*, com 4 espécies, e *Anacardiaceae*, *Annonaceae*, *Caricaceae*, *Fabaceae* e *Moraceae*, com 3 espécies cada. Em relação ao hábito das espécies encontradas, observou-se que 30,5% eram árvores de grande porte, 32,2% árvores de médio porte, 12,8% árvores de pequeno porte, 22,5% palmeiras, 1% arbustos e 1% lianas. Conclui-se que a diversidade de espécies frutíferas na área é considerável, todavia, a exploração dessas espécies é limitada e, aparentemente, feita com fins de consumo doméstico, não envolvendo a comercialização dos frutos ou outros produtos derivados das mesmas na zona urbana da cidade de Feijó.

Palavras-chave: Amazônia; Floresta Primária; Frutos comestíveis; Levantamento.

1 INTRODUÇÃO

Apesar das áreas florestais da região amazônica do Brasil abrigarem um grande número de espécies frutíferas comestíveis, a maioria delas não foi domesticada e apenas um número inexpressivo foi incorporado ao agronegócio de frutas no país, como são os casos do açaí (*Euterpe oleracea* Mart. e *E. precatoria* Mart.), cacau (*Theobroma cacao* L.), maracujá (*Passiflora edulis* Sims.) e o guaraná (*Paullinia cupana* var. *sorbilis* (Mart.) Ducke). Outras espécies foram domesticadas, mas atingiram importância apenas regional, com destaque para o bacuri (*Platonia insignis* Mart.), cupuaçu (*Theobroma grandiflorum* (Willd. ex Spreng.)

K.Schum.) e a pupunha (*Bactris gasipaes* Kunth) (CHAGAS et al., 2014; CARVALHO, 2012; GIACOMETTI, 1993).

Um número relativamente pequeno de frutíferas nativas da Amazônia tem seus frutos explorados de forma extrativista e comercializados localmente, como nos casos do buriti (*Mauritia flexuosa* L.f.), Sapota-do-Solimões (*Matisia cordata*) e tucumã (*Astrocaryum tucuma* Mart.). A exceção é a castanha do Brasil (*Bertholletia excelsa* Kunth), uma espécie cujas sementes beneficiadas são intensamente coletadas na floresta e comercializadas em nível global (CONAB, 2023; CLEMENT et al. 1982).

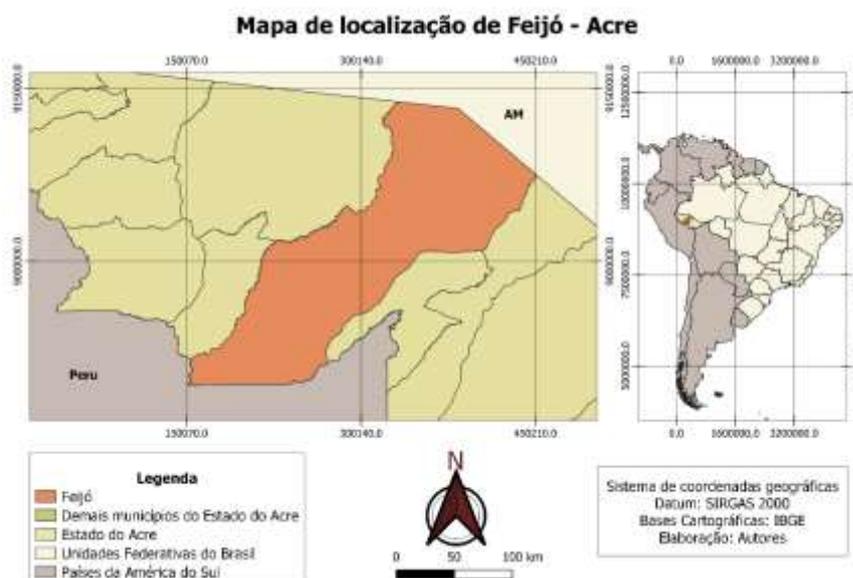
Estima-se nas florestas da Amazônia brasileira ocorram mais de 200 espécies de plantas produtoras de frutas comestíveis, representando aproximadamente 44% da diversidade de espécies frutíferas nativas do Brasil (CARVALHO, 2012). Apesar do potencial econômico já demonstrado para algumas das espécies frutíferas nativas da Amazônia (CLEMENT et al., 2000), a maioria delas ainda é pouco conhecida e encontrada somente em estado selvagem em áreas florestais da região. Quando exploradas, geralmente o são de forma eventual por moradores locais para consumo doméstico.

Em vista do acelerado processo de desmatamento que tem ocorrido na Amazônia nos últimos anos (INPE, 2023), a conservação da diversidade e do potencial genético representado pelas espécies frutíferas nativas encontradas em suas florestas encontra-se seriamente ameaçado. No Acre, onde o cultivo e comercialização de frutas nativas são incipientes, a maior parte de frutas à venda para os consumidores locais é de origem exótica, importadas de outras regiões do país. O presente estudo teve por objetivo verificar a ocorrência e a diversidade de espécies de frutíferas nativas em áreas florestais do entorno da cidade de Feijó, Acre.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

O estudo foi realizado em cinco propriedades rurais localizadas nas cercanias da cidade de Feijó (8°09'54"S; 70°21'10"W. Alt. 155 m). A cidade de Feijó está localizada a 363 km de distância da capital do estado do Acre, Rio Branco, com acesso pela rodovia BR-364 e possui cerca de 35 mil habitantes (SOUZA et al., 2019) (Figura 1).

Figura 1. Mapa de Localização do município de Feijó, Acre.



O município de Feijó possui área de 27.976,874 km² (IBGE, 2024) e o clima no local é do tipo equatorial quente e úmido, com duas estações climáticas bem definidas: a seca, que

atinge o seu ápice entre julho e setembro, e a chuvosa, mais intensa entre os meses de dezembro e fevereiro. A precipitação média anual é de 2.217 mm (BENTO et al., 2021).

Três propriedades estavam localizadas a montante da cidade de Feijó ao longo do rio Envira, em distâncias – em linha reta a partir da cidade – de 3, 16,5 e 20 km. A quarta propriedade, a jusante da mesma cidade ao longo do rio Envira, distava 7,5 km, também em linha reta. A quinta propriedade estava localizada no km 20 da rodovia BR-364, sentido Rio Branco, Acre.

Para a seleção dos locais de levantamento de ocorrência das espécies frutíferas, foi realizada inicialmente uma visita ao mercado central e feiras da cidade de Feijó para conhecer a diversidade de frutas nativas à venda e obter informações que subsidiassem a escolha das melhores áreas florestais para a realização do estudo.

Depois de selecionadas as propriedades, foi realizada uma visita *in loco* para a aplicação de um formulário de entrevista semiestruturada (GUAZI, 2021) com um extrativista reputado como profundo conhecedor da flora local. Como resultado dessa entrevista, foi elaborada uma lista com os nomes populares e as características gerais das espécies frutíferas nativas existentes na área florestal adjacente à sede da propriedade.

Ao final, em conjunto com o extrativista entrevistado, foi realizada uma visita à área florestal para observar e identificar todas as espécies de plantas frutíferas ao longo de uma trilha pré-existente no local. Foram incluídas todas as espécies localizadas até 10 m de distância a partir do eixo central da trilha percorrida. Quando possível frutos e amostras botânicas foram colhidas. Cada trilha media 6 km de extensão, resultando em uma área levantada de 12 hectares.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nas áreas florestais das cinco propriedades inventariadas foram identificadas 59 espécies frutíferas nativas pertencentes a 38 gêneros e 19 famílias botânicas (Tabela 1). É importante ressaltar, entretanto, que os nomes vernaculares “ingá” e “maracujá” se referem a mais de duas espécies distintas dos gêneros *Inga* e *Passiflora*, respectivamente, fazendo com que a quantidade final de espécies encontradas no inventário seja superior ao informado acima. As famílias mais diversificadas foram Arecaceae, com 12 espécies, Malvaceae, com 5 espécies, Apocynaceae, com 4 espécies, e Anacardiaceae, Annonaceae, Caricaceae, Fabaceae e Moraceae, com 3 espécies cada.

Em relação ao hábito das espécies encontradas, observou-se que 30,5% eram árvores de grande porte, 32,2% árvores de médio porte, 12,8% árvores de pequeno porte, 22,5% palmeiras, 1% arbustos e 1% lianas. Segundo as informações obtidas durante as entrevistas realizadas, a maioria das espécies (49,15%) frutifica durante o período chuvoso, que naquela região se estende desde meados do mês de setembro e até meados de abril.

Tabela 1. Lista de espécies frutíferas comestíveis identificadas em áreas de florestas primárias de cinco propriedades rurais no município de Feijó, Acre.

Nome popular	Família	Nome científico
Abiorana	Sapotaceae	<i>Pouteria glomerata</i> (Miq.) Radlk.
Apuruí	Rubiaceae	<i>Alibertia edulis</i> (Rich.) A. Rich. ex DC.
Araçá (2)	Myrtaceae	<i>Myrciaria</i> sp.
Araticum	Annonaceae	<i>Annona muricata</i> L.
Ata (3)	Annonaceae	<i>Rollinia</i> sp.
Bacaba	Arecaceae	<i>Oenocarpus mapora</i> H. Karst.
Bacuri (2)	Clusiaceae	<i>Rheedia</i> sp.
Buriti	Arecaceae	<i>Mauritia flexuosa</i> L.f.
Cacau	Malvaceae	<i>Theobroma cacao</i> L.
Cacauí	Malvaceae	<i>Theobroma</i> sp.
Cajá (2)	Anacardiaceae	<i>Spondias</i> sp.
Cajarana brava	Anacardiaceae	<i>Spondias testudinis</i> J. D. Mitch. & Daly
Cajú-da-mata	Anacardiaceae	<i>Anacardium giganteum</i> Hancock ex Engl.
Castanha-de-porco	Euphorbiaceae	<i>Caryodendron</i> sp.
Castanhola	Euphorbiaceae	<i>Caryodendron grandifolium</i> (Müll. Arg.) Pax
Caucho	Apocynaceae	<i>Castilla ulei</i> Warb.
Cocão	Arecaceae	<i>Attalea tessmannii</i> Burret
Cubiu	Solanaceae	<i>Solanum sessiliflorum</i> Dunal
Cumaru-ferro	Fabaceae	<i>Dipteryx odorata</i> (Aubl.) Willd.
Cupuaçu-da-mata	Malvaceae	<i>Theobroma subincanum</i> Mart.
Cupuí	Malvaceae	<i>Theobroma</i> sp.
Dendê	Arecaceae	<i>Elaeis guineensis</i> Jacq.
Embú	Desconhecida	<i>Desconhecido</i>
Gabriúna	Rhamnaceae	<i>Ziziphus cinnamomum</i> Triana & Planch.
Guariúba	Moraceae	<i>Clarisia racemosa</i> Ruiz & Pav.
Ingá (diversas)	Fabaceae	<i>Inga</i> sp.
Inharé	Moraceae	<i>Brosimum</i> sp.
Jací	Arecaceae	<i>Attalea butyracea</i> (Mutis ex L. f.) Wess. Boer
Jaracatiá	Caricaceae	<i>Jacaratia digitata</i> (Poepp. & Endl.) Solms
Jarina	Arecaceae	<i>Phytelephas macrocarpa</i> Ruiz & Pav.
Jatobá (2)	Fabaceae	<i>Hymenaea</i> sp.
Jenipapo (2)	Rubiaceae	<i>Genipa</i> sp.
Mamãozinho	Caricaceae	<i>Carica microcarpa</i> Jacq.
Mamuí	Caricaceae	<i>Carica microcarpa</i> Jacq. subsp. <i>microcarpa</i>
Manga-de-anta	Annonaceae	<i>Diclinanona tessmannii</i> Diels
Maracujá (diversos)	Passifloraceae	<i>Passiflora</i> sp.
Marajá	Arecaceae	<i>Bactris</i> sp.
Murumurú	Arecaceae	<i>Astrocaryum ulei</i> Burret
Oití	Chrysobalanaceae	<i>Licania kunthiana</i> F. Hochstaetter
Ouricuri	Arecaceae	<i>Attalea phalerata</i> Martius ex. Spreng
Pama	Moraceae	<i>Pseudolmedia laevis</i> (Ruiz & Pav.) J. F. Macbr.
Patauí	Arecaceae	<i>Oenocarpus bataua</i> Mart.
Piquiá	Caryocaraceae	<i>Caryocar</i> sp.
Piquiarana	Caryocaraceae	<i>Caryocar pallidum</i> A. C. Sm.
Pitomba	Menispermaceae	<i>Abuta</i> sp.
Pupunha	Arecaceae	<i>Bactris dahlgreniana</i> Glassman
Sanango	Apocynaceae	<i>Tabernaemontana sananho</i> Ruiz & Pav.
Sapota	Malvaceae	<i>Matisia cordata</i> Humb. & Bonpl.
Sapucaia	Lecythidaceae	<i>Lecythis zabucaja</i> Aubl.
Sorva	Apocynaceae	<i>Couma utilis</i> (Mart.) Müll. Arg.
Sorvinha	Apocynaceae	<i>Couma macrocarpa</i> Barb. Rodr.
Tucumã	Arecaceae	<i>Astrocaryum tucuma</i> Mart.

Nenhuma das espécies frutíferas nativas encontradas nas áreas florestais inventariadas foi observada à venda em estabelecimentos comerciais da cidade de Feijó, sugerindo que as espécies frutíferas nativas das florestas do entorno da cidade não são exploradas e comercializadas. Apesar dessa realidade preocupante, Leal et al. (2006) afirmam que “as

possibilidades de exploração, de forma sustentável, dos recursos naturais e a ocupação dos recursos humanos nas múltiplas atividades da fruticultura, como produção de polpa, doces cristalizados, compotas, massas, sucos, licores, vinhos e outras iguarias” podem oportunizar a geração de renda e dar segurança alimentar para as populações envolvidas na exploração.

Além do uso alimentício, algumas espécies eram utilizadas para fins medicinais, com destaque para o jatobá (*Hymenaea* sp.), mamãozinho (*Carica microcarpa*) e o sanango (*Tabernaemontana sananho*). O óleo extraído do endocarpo das sementes dos frutos das palmeiras cocão (*Attalea tessmannii*), jaci (*Attalea butyraceae*) e patauá (*Oenocarpus bataua*), além de comestível, é usado como lubrificante de ferramentas e armas, além de ser queimado para fins de iluminação. Esse conhecimento sobre o uso múltiplo de espécies é comum entre populações tradicionais da Amazônia, como demonstrado nos estudos de Costa e Mitja (2010), na região de Manacapuru, Amazonas, e Rios et al. (2001), no Pará.

Das 59 espécies frutíferas encontradas, oito (Abiorana, Cumaru ferro, Guariúba, Inharé, Jatobá, Piquiá, Piquiarana e Sapucaia) estão sendo exploradas com fins madeireiros na região do estudo. Essas espécies ocorrem em baixa densidade na floresta e a retirada das mesmas sugere que o eventual aproveitamento alimentício de seus frutos pelo homem e animais da floresta que dependem dos mesmos ficará comprometido no futuro. Essa situação parece ser comum por toda a Amazônia, como demonstram Shanley e Medina (2005), indicando que das 12 espécies medicinais mais vendidas na Amazônia Oriental, cinco estão sendo extraídas para fins madeireiros.

4 CONCLUSÃO

Verificou-se a ocorrência de uma diversidade considerável de espécies de plantas frutíferas nas áreas florestais levantadas no entorno da cidade de Feijó, Acre. A maioria delas tem hábito arbóreo-arbustivo ou são palmeiras. Os habitantes do entorno dessas áreas florestais tem amplo conhecimento sobre essas espécies, indicando para muitas delas usos que vão além do alimentício. Entretanto, a exploração dessas espécies é limitada e, aparentemente, feita com fins de consumo doméstico, não envolvendo a comercialização dos frutos ou outros produtos derivados das mesmas na zona urbana da cidade de Feijó.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, J. E. U. Frutas da Amazônia na era das novas culturas. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE RECURSOS GENÉTICOS, 2., 2012, Belém, PA. **Anais...** Brasília, DF: Sociedade Brasileira de Recursos Genéticos, 2012.

CHAGAS, E. A.; FLORES, P. S.; CHAGAS, P. C.; COUCEIRO, M. A.; PASQUAL, M.; PIO, R.; ARAÚJO, M. C. R.; SILVA, M. L. Frutíferas nativas da Amazônia. In: PASQUAL, M.; CHAGAS, E. A. (org.). **Cultura de tecidos em espécies frutíferas**. Boa Vista, Editora da UFRR, 2014. p. 89-109.

CLEMENT, C. R.; FARIAS NETO, J. T.; CARVALHO, J. E. U.; SOUZA, A. G. C.; GONDIM, T. M. S.; LÊDO, F. J. S.; MULLER, A. A. Frutíferas nativas da Amazônia: o longo caminho entre caracterização e utilização. In: CONGRESSO NACIONAL DE BOTÂNICA, 51., 2000, Brasília, DF. **Anais...** São Paulo, SP: Sociedade Botânica do Brasil, 2000. p. 253-257.

CLEMENT, C. R.; MÜLLER, C. H.; FLORES, W. B. C. Recursos genéticos de espécies frutíferas nativas da Amazônia Brasileira. **Acta Amazonica**, v. 12, n. 4, p. 677-695, 1982.

CONAB-COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO. **Boletim da Sociobiodiversidade**, v. 4, n. 3, p. 6-26, 2023.

COSTA, J. R.; MITJA, D. Uso dos recursos vegetais por agricultores familiares de Manacapuru (AM). **Acta Amazonica**, v. 40, n. 1, p. 49-58.

GIACOMETTI, D.C. Recursos genéticos de fruteiras nativas do Brasil. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE RECURSOS GENÉTICOS DE FRUTEIRAS NATIVAS, 1992, Cruz das Almas, BA. **Anais...** Cruz das Almas, BA: EMBRAPA-CNPMP, 1993. p. 13-27.

GUAZI, T. S. Diretrizes para o uso de entrevistas semiestruturadas em investigações científicas. **Revista Educação, Pesquisa e Inclusão**, v. 2, p. 1-20, 2021.

IBGE. **Cidades e Estados – Feijó**. 2024. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ac/feijo.html>. Acesso em: 12 mar. 2024.

INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS ESPACIAIS (INPE). **Programa de Monitoramento da Amazônia e Demais Biomas. Desmatamento–Amazônia Legal**. São José dos Campos, INPE, 2023.

RIOS M.; SILVA, R. C. V. M.; SABOGAL, C.; MARTINS, J.; SILVA, R. N.; BRITO, R. R.; BRITO, I. M.; BRITO, M. F. C.; SILVA, J. R.; Ribeiro, R. T. **Benefícios das plantas da capoeira para a comunidade de Benjamin Constant, Pará, Amazônia brasileira**. Belém: CIFOR; 2001. 54 p.

SHANLEY, P.; MEDINA, G. **Frutíferas e Plantas Úteis na Vida Amazônica**. Belém: CIFOR, Imazon, 2005. 310 p.

SOUZA, M. R. S.; SILVA, E. R. S.; SOUZA, L. G. S. Socioeconomia de vendedores de polpa e frutos de açaí no município de Feijó –Acre. **SAJEBTT**, v.6, n.2, p. 712-725, 2019.